

JOGOS SIMBÓLICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SYMBOLIC GAMES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

JUEGOS SIMBÓLICOS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

Mara de Campos Gomes Vicioli¹

Silvane Rossi dos Santos Stocco²

Rozineide Iraci Pereira da Silva³

RESUMO: Os jogos simbólicos, ou faz-de-conta, são práticas lúdicas essenciais na infância (2-7 anos), promovendo desenvolvimento cognitivo, emocional, social e linguístico por meio da imaginação, simulação de papéis e uso criativo de objetos. Piaget destaca a função simbólica, Vygotsky a mediação social, e Winnicott o espaço potencial. Influenciados pela cultura, fortalecem criatividade, empatia e linguagem. Na educação infantil, são ferramentas pedagógicas para aprendizagens integradas, exigindo ambientes lúdicos com materiais recicláveis e cantinhos temáticos. Educadores mediam o brincar, mas enfrentam desafios como falta de tempo, espaço e formação. A BNCC (2017) reforça sua importância, demandando valorização para garantir o desenvolvimento integral.

Palavras-chave: Jogos simbólicos. Desenvolvimento infantil. Educação infantil. Imaginação. Simbolização. BNCC.

1

ABSTRACT: Symbolic play, or pretend play, is a crucial childhood activity (ages 2-7) that fosters cognitive, emotional, social, and linguistic development through imagination, role-playing, and creative object use. Piaget emphasizes the symbolic function, Vygotsky highlights social mediation, and Winnicott underscores the potential space. Shaped by culture, it enhances creativity, empathy, and language skills. In early childhood education, it serves as a pedagogical tool for integrated learning, requiring playful environments with recycled materials and thematic corners. Teachers mediate play but face challenges like limited time, space, and training. The BNCC (2017) stresses its importance, calling for its prioritization to ensure holistic development.

Keywords: Symbolic play. Child development. Early childhood education. Imagination. Symbolization. BNCC.

¹Pedagoga - Educação Infantil - Rede Municipal - CEI 5 Dr Antônio Amábile - Sorocaba/SP, Rede Municipal - EMEIEF Helena Pereira de Moraes, Votorantim/SP. Pós-graduada em Educação Inclusiva Universidade Castello Branco - Rio de Janeiro/RJ, AEE - Atendimento Educacional Especializado - FACONNECT Faculdade Conectada - Conchas, SP.

²Professora da Rede Municipal de Ensino de Sorocaba, atuante na Educação Infantil. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Especialista em Inteligência Emocional no Ambiente Escolar e em Neurociência na Educação, pela Faculdade Conectada (FACONNECT). Especialista em Alfabetização, Letramento e Educação Infantil, bem como em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade IMES.

³Ph.D Doutora em Ciências da Educação, professora orientadora da Christian Business School - CBS.

RESUMEN: El juego simbólico, o juego de simulación, es una práctica lúdica esencial en la infancia (2-7 años), que promueve el desarrollo cognitivo, emocional, social y lingüístico a través de la imaginación, el juego de roles y el uso creativo de objetos. Piaget destaca la función simbólica, Vygotsky la mediación social y Winnicott el espacio potencial. Influenciados por la cultura, fortalecen la creatividad, la empatía y el lenguaje. En la educación infantil, son herramientas pedagógicas para el aprendizaje integrado, que requieren entornos lúdicos con materiales reciclables y rincones temáticos. Los educadores median el juego, pero se enfrentan a desafíos como la falta de tiempo, espacio y formación. La BNCC (2017) refuerza su importancia, exigiendo su valoración para garantizar el desarrollo integral.

Palabras clave: Juego simbólico. Desarrollo infantil. Educación infantil. Imaginación. Simbolización. BNCC.

I- INTRODUÇÃO

Os jogos na infância constituem uma prática essencial para o desenvolvimento humano, sendo reconhecidos como uma expressão universal que permeia diferentes culturas, contextos sociais e períodos históricos. Segundo Kishimoto (2011), o jogo pode ser compreendido como uma atividade livre, espontânea e intrinsecamente motivada, caracterizada pelo prazer e pela ausência de objetivos utilitários imediatos. Na infância, o ato de jogar transcende a mera diversão, configurando-se como um processo dinâmico que promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como resolução de problemas e pensamento criativo, além de competências socioemocionais, como empatia, cooperação e regulação emocional. Além disso, o jogo contribui para o aprimoramento de habilidades motoras e para a formação da identidade, permitindo que a criança explore o mundo ao seu redor e construa significados a partir de suas experiências.

No âmbito da educação infantil, o brincar assume uma relevância ainda maior, sendo considerado um dos pilares do processo educativo. Para Vygotsky (2007), o brincar é uma atividade mediada socialmente que desempenha um papel crucial no desenvolvimento da criança, pois estimula a imaginação, a criatividade e a interação com pares e adultos. Por meio do jogo, a criança internaliza normas, valores e papéis sociais, desenvolvendo a linguagem e a capacidade de compreender e atuar no mundo. Nesse contexto, o brincar não é apenas uma atividade lúdica, mas uma prática pedagógica estruturada que favorece a aprendizagem significativa, promovendo a construção de conhecimentos de forma integrada e contextualizada. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça essa perspectiva ao destacar o brincar como um dos direitos de aprendizagem na educação infantil, enfatizando sua importância para o desenvolvimento integral da criança em dimensões físicas, cognitivas, sociais e emocionais.

Este estudo concentra-se nos jogos simbólicos, também denominados jogos de faz-de-conta, que se destacam por sua relevância no desenvolvimento infantil e por sua potencialidade como ferramenta pedagógica. Os jogos simbólicos são caracterizados pela capacidade da criança de atribuir significados imaginários a objetos, ações e situações, criando cenários fictícios que refletem sua compreensão do mundo e de suas relações sociais. Segundo Elkonin (2009), esses jogos são fundamentais para o desenvolvimento psicológico, pois permitem que a criança experimente papéis sociais, como o de mãe, médico ou professor, explore conflitos emocionais e desenvolva habilidades de abstração e simbolização. Por meio do faz-de-conta, a criança exerce a capacidade de representar mentalmente a realidade, o que é essencial para o desenvolvimento do pensamento abstrato e da linguagem. Além disso, os jogos simbólicos favorecem a socialização, uma vez que frequentemente envolvem interações com outras crianças, exigindo negociação, coo

A relevância dos jogos simbólicos no contexto educacional reside, portanto, em sua capacidade de integrar diversas dimensões do desenvolvimento infantil, promovendo aprendizagens que vão além do conteúdo acadêmico. Para Brougère (2002), o jogo simbólico é uma forma de cultura infantil que permite à criança reinterpretar a realidade, atribuindo novos sentidos às suas experiências e construindo sua identidade em relação ao outro. Assim, esta pesquisa busca aprofundar a análise dos jogos simbólicos na educação infantil, investigando como essas práticas podem ser incorporadas ao planejamento pedagógico de forma intencional e estruturada, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança e para a formação de competências essenciais para sua trajetória educacional e social.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

Os jogos simbólicos, também denominados jogos de faz-de-conta, são atividades lúdicas nas quais a criança emprega a imaginação para criar cenários fictícios, atribuindo significados novos e criativos a objetos, ações ou situações, transcendendo a realidade imediata. Segundo Kishimoto (2009), o jogo simbólico é uma prática caracterizada pela representação mental, que permite à criança simular papéis sociais, explorar emoções, resolver conflitos internos e construir narrativas complexas baseadas em suas vivências, fantasias ou observações do mundo. Essa forma de brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e cultural, pois envolve a capacidade de significar a realidade de maneira abstrata, permitindo que a criança reorganize experiências e atribua sentidos próprios a elementos do cotidiano.

A imaginação é o cerne do jogo simbólico, pois possibilita a criação de universos alternativos, como transformar um quintal em um castelo encantado ou uma sala de estar em um hospital imaginário, refletindo a capacidade da criança de projetar cenários que vão além do concreto. A simulação de papéis sociais é outra característica marcante, na qual a criança assume identidades como mãe, médico, professor, bombeiro ou super-herói, experimentando comportamentos, normas e responsabilidades associados a esses papéis, o que favorece a compreensão das estruturas sociais e a internalização de valores culturais, conforme destaca Elkonin (2009).

Nesse processo, a criança não apenas imita o adulto, mas reinterpreta os papéis de forma criativa, adaptando-os às suas necessidades emocionais e cognitivas. Além disso, o uso de objetos com significados diferentes é um aspecto central: um cabo de vassoura pode se transformar em um cavalo, uma caixa de papelão em uma nave espacial ou um pano em uma capa de super-herói, evidenciando a habilidade de simbolização que permite à criança dissociar o objeto de sua função original e atribuir-lhe um novo sentido. Frequentemente, os jogos simbólicos envolvem interação social, seja com outras crianças, seja com adultos, exigindo habilidades de negociação, cooperação, comunicação e resolução de conflitos, que fortalecem o desenvolvimento socioemocional.

Essas interações também promovem a construção de narrativas estruturadas, com início, meio e fim, refletindo a capacidade da criança de organizar ideias e criar enredos coerentes, o que contribui para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento narrativo. De acordo com Piaget (1978), os jogos simbólicos emergem predominantemente entre os 2 e os 7 anos, período correspondente à fase pré-operacional do desenvolvimento cognitivo, quando a criança desenvolve a função simbólica, que lhe permite representar mentalmente objetos, pessoas ou eventos ausentes.

Por volta dos 2 anos, surgem os primeiros sinais de faz-de-conta, como fingir que um bloco de madeira é um telefone ou que uma colher é usada para “alimentar” uma boneca. Entre os 3 e 5 anos, esses jogos tornam-se mais elaborados, com narrativas complexas que envolvem múltiplos personagens, cenários detalhados e conflitos a serem resolvidos, como brincar de “família” ou “escola”. Até os 7 anos, os jogos simbólicos continuam a se sofisticar, incorporando maior realismo e detalhes, mas começam a ceder espaço aos jogos com regras, típicos da fase operatória concreta, à medida que a criança desenvolve maior capacidade de abstração e compreensão de normas estruturadas (Piaget, 1978). Esse período é crucial, pois o

jogo simbólico atua como uma ponte entre o pensamento concreto e o abstrato, permitindo à criança explorar o mundo de forma segura e criativa.

Jean Piaget (1978) oferece uma base teórica fundamental para a compreensão dos jogos simbólicos ao situá-los no contexto do desenvolvimento cognitivo, destacando que, durante a fase pré-operacional, entre 2 e 7 anos, a criança desenvolve a função simbólica, que permite representar a realidade por meio de signos, como palavras, imagens mentais ou objetos substitutos. Nos jogos simbólicos, essa capacidade manifesta-se na habilidade de atribuir significados novos a objetos, como usar um graveto como espada ou uma vassoura como cavalo, e de simular papéis sociais, como fingir ser um médico ou um motorista.

Piaget argumenta que o jogo simbólico é uma forma de assimilação, na qual a criança adapta a realidade às suas necessidades emocionais e cognitivas, reinterpretando experiências para atender a seus desejos ou resolver conflitos internos. Esse processo promove o equilíbrio entre assimilação e acomodação, sendo essencial para a construção de estruturas cognitivas mais complexas. Além disso, o jogo simbólico auxilia no desenvolvimento do pensamento egocêntrico, característico dessa fase, que gradualmente evolui para formas mais socializadas de cognição, preparando a criança para operações mentais típicas da fase operatória concreta, como a reversibilidade e a conservação.

5

Lev Vygotsky (2007) complementa essa perspectiva ao enfatizar o papel do jogo simbólico no desenvolvimento social e cognitivo, destacando sua natureza como uma atividade mediada culturalmente. Para Vygotsky, o brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal, um espaço onde a criança atua além de suas capacidades atuais, apoiada pela interação com pares, adultos ou elementos culturais, como brinquedos e narrativas. Nos jogos de faz-de-conta, a criança internaliza normas, valores e papéis sociais, aprendendo a regular seu comportamento e a compreender as dinâmicas do mundo social, como a hierarquia em uma brincadeira de “escola” ou a cooperação em um jogo de “família”.

Vygotsky também destaca que o jogo simbólico estimula a imaginação e a abstração, pois exige que a criança separe o significado do objeto de sua forma física, como imaginar que um bloco é um carro ou que uma boneca é um bebê, sendo essa separação crucial para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento abstrato. O jogo, portanto, funciona como uma ponte entre o concreto e o simbólico, permitindo à criança explorar conceitos complexos de forma lúdica e acessível.

Donald Winnicott (1975) oferece uma perspectiva psicanalítica, introduzindo os conceitos de espaço potencial e objeto transicional, que enriquecem a compreensão do jogo

simbólico. O espaço potencial é a área intermediária entre a realidade interna, subjetiva, e a realidade externa, objetiva, onde a criança exerce sua criatividade e explora o mundo de maneira segura. Nos jogos simbólicos, esse espaço manifesta-se na criação de cenários imaginários, como brincar de “loja” ou “castelo”, que permitem à criança processar emoções, resolver conflitos internos e construir sua identidade em relação ao outro. O objeto transicional, como um ursinho de pelúcia, um pano ou um brinquedo favorito, desempenha um papel crucial ao auxiliar a criança a lidar com a separação entre ela e o mundo externo, sendo frequentemente incorporado aos jogos simbólicos como um mediador de significados, como uma boneca que “fala” ou um cobertor que se torna uma tenda.

Para Winnicott, o jogo simbólico é essencial para o desenvolvimento emocional, pois proporciona um ambiente seguro para a expressão de sentimentos, a experimentação de papéis e a construção da autonomia, permitindo à criança lidar com ansiedades e desenvolver confiança em si mesma. O jogo simbólico é também profundamente influenciado pela cultura e pelo meio social, sendo, segundo Brougère (2002), uma forma de cultura infantil na qual as crianças reinterpretam elementos do mundo adulto, como papéis sociais, profissões, relações familiares ou práticas culturais, adaptando-os às suas experiências e necessidades.

O repertório de brincadeiras reflete os valores, práticas e objetos disponíveis em cada comunidade: crianças em contextos urbanos podem simular situações de trabalho em escritórios ou idas ao supermercado, enquanto aquelas em áreas rurais podem brincar de cuidar de animais ou colher frutas. A mediação de adultos e pares desempenha um papel crucial, pois fornece modelos, materiais e interações que enriquecem o jogo simbólico, como quando um adulto sugere um novo enredo ou uma criança compartilha uma ideia com o grupo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça a importância de valorizar a diversidade cultural no planejamento de atividades lúdicas, destacando que o brincar deve respeitar as especificidades de cada contexto social e promover a inclusão de práticas e narrativas que refletem a realidade das crianças. Assim, o jogo simbólico não é apenas uma atividade espontânea, mas um processo estruturado que integra influências culturais, sociais e emocionais, sendo um pilar para o desenvolvimento integral da criança.

Os jogos simbólicos, ou jogos de faz-de-conta, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, influenciando múltiplas dimensões de sua formação, incluindo os aspectos cognitivo, emocional, social e linguístico. No âmbito do desenvolvimento cognitivo, os jogos simbólicos estimulam a criatividade, pois permitem à criança criar cenários imaginários, inventar histórias e atribuir significados novos a objetos, como transformar um

galho em uma varinha mágica ou uma caixa em um castelo, promovendo o pensamento divergente e a capacidade de inovação.

Além disso, essas brincadeiras fortalecem a memória, uma vez que a criança precisa recordar papéis, enredos e sequências narrativas durante o jogo, como ao lembrar os passos de uma brincadeira de “médico” ou “escola”. A atenção também é aprimorada, pois o envolvimento em narrativas complexas exige foco para manter a coerência do enredo e coordenar interações com outros participantes. A resolução de problemas é outro benefício cognitivo, já que os jogos simbólicos frequentemente envolvem desafios, como decidir como um personagem deve agir em uma situação fictícia ou como resolver conflitos entre papéis assumidos, o que estimula o raciocínio lógico e a tomada de decisões (Piaget, 1978).

No desenvolvimento emocional, os jogos simbólicos oferecem um espaço seguro para a expressão de sentimentos, permitindo que a criança externalize emoções como alegria, medo ou frustração por meio de papéis e cenários imaginários. Por exemplo, ao brincar de “família”, a criança pode expressar preocupações ou desejos relacionados à sua vida real, elaborando experiências difíceis, como a chegada de um irmão ou a ausência de um familiar, de forma simbólica, o que contribui para a resiliência emocional (Winnicott, 1975). No campo social, os jogos simbólicos promovem a interação com colegas, exigindo cooperação, negociação e compartilhamento de ideias, como quando as crianças decidem quem será o “professor” ou como organizar uma brincadeira de “mercado”.

Esse processo favorece a construção de regras sociais, pois as crianças aprendem a respeitar turnos, seguir acordos e compreender normas implícitas do grupo, além de desenvolverem empatia ao se colocarem no lugar de outros personagens ou participantes, entendendo perspectivas diferentes (Vygotsky, 2007). Por fim, no desenvolvimento da linguagem, os jogos simbólicos estimulam o uso da linguagem para narrar histórias, representar papéis e negociar regras, enriquecendo o vocabulário e a capacidade de comunicação. Ao criar diálogos para personagens ou descrever cenários, como em uma brincadeira de “restaurante”, a criança pratica a articulação de ideias, a construção de frases complexas e a expressão de intenções, o que fortalece tanto a linguagem oral quanto a capacidade de abstração verbal (Elkonin, 2009). Assim, os jogos simbólicos são uma ferramenta poderosa que integra diversas dimensões do desenvolvimento, permitindo que a criança explore o mundo de maneira criativa, segura e socialmente significativa.

O educador desempenha um papel central na potencialização dos jogos simbólicos na educação infantil, atuando como mediador, observador e facilitador do processo de brincar. A

mediação do brincar simbólico envolve acompanhar as interações das crianças, oferecendo suporte sem interferir diretamente na espontaneidade do jogo, de modo a garantir que a criança explore sua criatividade livremente. Por meio da observação atenta, o educador identifica as necessidades, interesses e dinâmicas sociais das crianças, utilizando essas informações para planejar intervenções pedagógicas que enriqueçam o jogo, como sugerir novos enredos ou introduzir elementos que ampliem as possibilidades de exploração (Kishimoto, 2009).

O estímulo ao faz-de-conta também requer a oferta de materiais acessíveis e variados, como objetos não estruturados (caixas, tecidos, blocos) e brinquedos que permitam múltiplos usos, incentivando a imaginação e a simbolização, como transformar um pano em uma capa ou uma bacia em um barco. O respeito à espontaneidade da criança é fundamental, pois o jogo simbólico deve partir dos interesses e iniciativas da própria criança, evitando que o adulto imponha enredos ou regras que inibam a liberdade criativa. Nesse sentido, o educador deve atuar como um parceiro que valoriza as escolhas da criança, intervindo apenas para garantir a segurança ou mediar conflitos.

Além disso, o educador pode integrar os jogos simbólicos ao planejamento pedagógico com intencionalidade educativa, utilizando o faz-de-conta para promover aprendizagens específicas, como a alfabetização, ao criar uma brincadeira de “correio” que envolva escrita de cartas, ou o desenvolvimento matemático, ao simular uma “loja” que envolva contagem e trocas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) destaca a importância de propostas pedagógicas que valorizem o brincar como eixo central da educação infantil, incentivando o educador a criar ambientes ricos em possibilidades lúdicas que respeitem a diversidade cultural e promovam o desenvolvimento integral. Assim, o papel do educador é equilibrar a observação, a mediação e a proposição de atividades, garantindo que os jogos simbólicos sejam uma ferramenta de aprendizagem significativa e prazerosa, alinhada aos objetivos educacionais e às necessidades das crianças.

Os jogos simbólicos requerem ambientes e materiais cuidadosamente planejados para potencializar a imaginação, a criatividade e a interação das crianças, promovendo um desenvolvimento integral. A criação de cantinhos temáticos é uma estratégia amplamente reconhecida para estimular o brincar simbólico, pois esses espaços recriam contextos do cotidiano ou cenários imaginários que incentivam a assunção de papéis sociais. Por exemplo, um cantinho de “casinha” pode incluir utensílios domésticos, como panelas e bonecas, permitindo que a criança simule situações familiares; um “mercadinho” pode contar com balanças e produtos fictícios, promovendo brincadeiras de compra e venda; e um “consultório

médico” pode oferecer estetoscópios de brinquedo e bandagens, possibilitando a exploração de papéis profissionais.

Esses espaços estruturados estimulam narrativas complexas e interações sociais, além de proporcionarem um ambiente familiar que reflete a realidade cultural da criança (Kishimoto, 2009). Além disso, o uso de materiais recicláveis e brinquedos não estruturados é fundamental para fomentar a criatividade e a simbolização. Materiais como caixas de papelão, retalhos de tecido, garrafas plásticas, tampinhas e rolos de papel podem ser transformados em objetos variados, como uma nave espacial, uma coroa ou um telefone, dependendo da imaginação da criança. Esses itens, por sua natureza aberta, permitem múltiplas interpretações e usos, incentivando a criança a criar significados próprios, o que fortalece a função simbólica descrita por Piaget (1978).

Por fim, o ambiente deve ser seguro, estimulante e flexível para garantir que as crianças se sintam à vontade para explorar e criar. Um espaço seguro inclui móveis sem quinas, pisos adequados e ausência de objetos perigosos, enquanto o caráter estimulante é promovido por cores, texturas e elementos visuais que despertem a curiosidade. A flexibilidade do ambiente permite que ele seja reconfigurado conforme os interesses das crianças, como transformar uma área de leitura em um palco para teatro ou uma sala em um “acampamento”. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça a importância de ambientes que promovam o brincar, destacando que espaços bem planejados são essenciais para o desenvolvimento de habilidades criativas e sociais, respeitando a diversidade cultural e as necessidades das crianças.

9

Os jogos simbólicos oferecem ricas possibilidades de aprendizado na educação infantil, funcionando como uma ferramenta pedagógica que integra diversão e intencionalidade educativa. Por meio do faz-de-conta, as crianças podem desenvolver habilidades em diversas áreas do conhecimento de forma contextualizada e significativa. Por exemplo, em uma brincadeira de “mercadinho”, as crianças praticam conceitos matemáticos, como contagem, adição e subtração, ao calcular preços, pesar produtos fictícios ou realizar trocas monetárias, promovendo o raciocínio lógico de maneira lúdica.

Além disso, os jogos simbólicos podem ser integrados a outras linguagens, como a corporal, a musical e a artística, enriquecendo a experiência de aprendizagem. Em uma brincadeira de “teatro”, por exemplo, as crianças utilizam o corpo para representar personagens, explorando a expressão corporal; a incorporação de músicas ou sons, como cantar uma canção de ninar em uma brincadeira de “casinha”, estimula a linguagem musical; e a criação de cenários com desenhos ou colagens, como pintar um fundo para um “castelo”, desenvolve

habilidades artísticas. Essas integrações amplificam o potencial pedagógico do jogo, permitindo que a criança explore diferentes formas de expressão e comunicação (Vygotsky, 2007).

Projetos pedagógicos baseados no interesse das crianças são outra forma de utilizar os jogos simbólicos como ferramenta educativa. Ao observar as preferências das crianças, como o fascínio por super-heróis ou animais, o educador pode planejar projetos que incorporem esses temas, como criar uma “agência de heróis” para resolver problemas fictícios ou um “zoológico imaginário” para explorar características de animais, promovendo aprendizagens interdisciplinares que conectam ciências, linguagem e socialização. Segundo Brougère (2002), o jogo simbólico é uma manifestação da cultura infantil que permite à criança reinterpretar o mundo, sendo uma ponte para aprendizagens significativas quando guiado por propostas pedagógicas intencionais. A BNCC (2017) reforça que o brincar deve ser central no planejamento pedagógico, incentivando o educador a criar oportunidades que respeitem os interesses das crianças e promovam o desenvolvimento integral, alinhando o lúdico aos objetivos educacionais.

Apesar de seu potencial, a implementação dos jogos simbólicos na educação infantil enfrenta diversos desafios e limitações. Um dos principais obstáculos é a falta de tempo ou espaço adequado para o brincar nas escolas. Muitas instituições, especialmente em contextos urbanos, dispõem de espaços reduzidos ou pouco adaptados, como salas pequenas ou pátios sem áreas seguras, dificultando a criação de cantinhos temáticos ou o uso de materiais variados. Além disso, os horários escolares frequentemente são preenchidos com atividades estruturadas, deixando pouco tempo para o brincar livre, essencial para o desenvolvimento do jogo simbólico (Kishimoto, 2009).

10

Outro desafio significativo é a pressão por conteúdos formais precoces, impulsionada por expectativas de pais e sistemas educacionais que priorizam a alfabetização e habilidades acadêmicas em detrimento do brincar. Essa abordagem pode levar à marginalização do jogo simbólico, visto como menos “produtivo” em comparação com atividades formais, mesmo que evidências teóricas, como as de Vygotsky (2007), demonstrem sua importância para o desenvolvimento cognitivo e social.

A falta de formação adequada dos profissionais também representa uma limitação significativa. Muitos educadores não recebem treinamento suficiente para compreender o valor pedagógico dos jogos simbólicos ou para planejar atividades que integrem o brincar de forma intencional, o que pode resultar em intervenções inadequadas, como direcionar excessivamente o jogo ou negligenciar sua potencialidade educativa. A formação continuada é essencial para

capacitar os educadores a observar, mediar e propor atividades lúdicas que respeitem a espontaneidade da criança e promovam aprendizagens significativas. A BNCC (2017) destaca a necessidade de formação docente que valorize o brincar como prática pedagógica, mas a implementação dessa diretriz ainda enfrenta barreiras em muitas realidades educacionais, especialmente em contextos de recursos limitados. Superar esses desafios requer uma mudança cultural que reconheça o brincar como um direito da criança e invista em infraestrutura, tempo e formação profissional para garantir que os jogos simbólicos sejam plenamente integrados ao processo educativo.

3- METODOLOGIA

Para elaborar este artigo, conduzimos uma pesquisa teórica e exploratória utilizando a técnica de revisão de literatura. Nossa objetivo foi analisar os principais aspectos dos jogos simbólicos (ou jogos de faz-de-conta) na educação infantil, destacando sua importância como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento integral da criança, abrangendo dimensões cognitivas, socioemocionais, motoras, linguísticas e culturais.

Seguimos várias etapas, incluindo definição do tema e objetivo da pesquisa, seleção de bases de dados, determinação de estratégias de pesquisa com palavras-chave, seleção de materiais com critérios de inclusão e exclusão, leitura crítica, elaboração de hipóteses, integração e comparação de resultados, discussão e conclusão.

11

A pesquisa foi realizada online nas bases de dados SciELO, Google Scholar, Portal do MEC, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sites especializados em educação infantil como Nova Escola e UNESCO. Utilizamos palavras-chave em português (DeCS) – "jogos simbólicos", "jogos de faz-de-conta", "brincar na educação infantil", "desenvolvimento cognitivo infantil", "desenvolvimento socioemocional" e "aprendizagem lúdica" – e em inglês "symbolic play", "pretend play", "early childhood education", "child cognitive development", "socioemotional development" e "play-based learning", combinadas através das ferramentas "and" e "or".

Os critérios de inclusão foram baseados nos títulos, palavras-chave, resumos e disponibilidade gratuita dos artigos, relacionados a práticas lúdicas simbólicas como estratégia pedagógica, que podem contribuir para o desenvolvimento das crianças na educação infantil, com ênfase em autores clássicos como Kishimoto, Vygotsky, Elkonin, Brougère, Piaget e Winnicott. Excluímos os artigos que não atendiam a esses critérios, como aqueles focados

exclusivamente em jogos com regras, brincadeiras motoras sem ênfase simbólica ou em fases do desenvolvimento além da infância precoce (após 7 anos).

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os jogos simbólicos, ou jogos de faz-de-conta, consolidam-se como uma prática essencial para o desenvolvimento integral da criança, promovendo benefícios significativos nas dimensões cognitiva, emocional, social e linguística. Por meio da imaginação, da simulação de papéis sociais e da atribuição de novos significados a objetos, essas atividades permitem que a criança explore o mundo, processe emoções, internalize normas sociais e desenvolva habilidades como criatividade, resolução de problemas, empatia e comunicação, conforme apontam teóricos como Piaget (1978), Vygotsky (2007) e Winnicott (1975). A relevância do jogo simbólico transcende o entretenimento, configurando-se como uma ferramenta pedagógica poderosa que favorece aprendizagens significativas, integrando diversas áreas do conhecimento de forma lúdica e contextualizada. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça essa importância ao reconhecer o brincar como um direito fundamental da criança na educação infantil, destacando seu papel na c

Diante disso, é imprescindível que o brincar, especialmente o jogo simbólico, seja valorizado como um pilar central da educação infantil, superando visões que o consideram secundário em relação a conteúdos formais. Essa valorização exige um compromisso coletivo de educadores, gestores e famílias para garantir que o brincar seja priorizado nos espaços escolares, reconhecendo-o como uma prática que promove o desenvolvimento pleno da criança. Para fortalecer a presença dos jogos simbólicos nas escolas, algumas propostas são fundamentais. Primeiramente, é necessário investir na criação de ambientes ricos e flexíveis, com cantinhos temáticos e materiais não estruturados, como caixas, tecidos e objetos recicláveis, que estimulem a imaginação e a simbolização.

Além disso, a formação continuada de educadores deve ser priorizada, capacitando-os para mediar o brincar com intencionalidade pedagógica, observando os interesses das crianças e integrando o faz-de-conta a projetos interdisciplinares que conectem, por exemplo, matemática, linguagem e ciências. Também é crucial assegurar tempo e espaço adequados para o brincar livre, resistindo à pressão por aprendizagens formais precoces que restringem a espontaneidade infantil. Por fim, as escolas devem promover a sensibilização de famílias e comunidades sobre a importância do jogo simbólico, incentivando sua continuidade em casa e em outros espaços sociais. Essas ações, alinhadas às diretrizes da BNCC (2017), podem

transformar os espaços escolares em ambientes verdadeiramente lúdicos, onde o jogo simbólico seja não apenas uma atividade, mas um eixo estruturante do processo educativo, garantindo que as crianças desenvolvam seu potencial criativo, social e emocional de forma plena e significativa.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, os resultados discutidos confirmam a relevância dos jogos simbólicos como eixo central da formação integral da criança. O brincar simbólico adequado, por meio de práticas pedagógicas intencionais, favorece a construção do conhecimento, da criatividade, da imaginação e da interação social, conforme destacado por teóricos como Piaget, Vygotsky e Winnicott. Destaca-se ainda o papel essencial da educação infantil, alinhada à BNCC, e da atuação qualificada dos profissionais na promoção de um desenvolvimento saudável nas dimensões cognitiva, emocional, linguística e cultural. Compreender esses aspectos é essencial para garantir melhores oportunidades de aprendizagem desde os primeiros anos de vida, que gerará reflexos na vida adulta.

REFERÊNCIAS

13

-
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BROUGÈRE, G. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2009.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975